

A TRAVESSIA DO LUTO COM UMA TULIPA NAS MÃOS: A BIBLIOTERAPIA COMO CAMINHO DE ESCUTA E ELABORAÇÃO DO VAZIO QUE NOS DEIXA A MORTE

CROSSING GRIEF WITH A TULIP IN OUR HANDS: BIBLIOTHERAPY AS A PATH TO LISTENING AND PROCESSING THE VOID LEFT BY DEATH

Recebido: 07/08/2025

Aprovado: 07/07/2026

DOI: 10.18616/lendu.v10i1.10062

Caroline Almeida da Silva Grandi ¹
carolzinahgrandi@unesb.net

Gladir da Silva Cabral ²
gla@unesb.net

RESUMO

Este ensaio propõe uma reflexão sobre a biblioterapia como prática simbólica de escuta e elaboração do luto, a partir da leitura sensível do livro *O pato, a morte e a tulipa*, de Wolf Erlbruch. Escrito a partir de uma experiência pessoal de perda familiar, o texto discute como a literatura pode oferecer um espaço de permanência simbólica diante da dor, sem buscar consolo imediato ou cura. Com base nos pensamentos de Dante Gallian, Cristiane Seixas, Clarice Fortkamp Caldin e Michèle Petit, compreende-se a literatura não como ferramenta clínica, mas como possibilidade de atravessamento, reconhecimento e organização da ausência. O livro escolhido, embora classificado como literatura infantil, revela uma profunda carga filosófica e afetiva, abordando a morte com delicadeza e honestidade. A biblioterapia, assim, é entendida menos como técnica e mais como gesto ético: um modo de estar com o outro no território da dor, sem

apressar soluções. Ao entrelaçar vivência pessoal, análise literária e reflexão teórica, o ensaio defende que ler em tempos de luto é um ato de cuidado; com o outro e consigo mesmo. É uma forma de dar linguagem à ausência e permitir que a dor respire. A literatura, nesse contexto, não resgata, mas devolve o sujeito a si mesmo, permitindo que se habite o vazio com menos pressa e mais escuta. Segurar uma tulipa junto do vazio deixado pela perda é o gesto simbólico que este texto propõe: reconhecer a ausência e saber conversar com ela, sem deixar de ver a beleza das flores.

PALAVRAS-CHAVE: biblioterapia; luto; escuta; literatura; ausência.

ABSTRACT

This essay presents a reflection about bibliotherapy as a symbolic practice of listening and mourning, based on a sensitive reading of the book *Duck, Death and the Tulip*, by Wolf

¹ Possui graduação em Comunicação Social pela Unisul, graduação em Letras Português e Inglês pela Unicesumar, mestrado em Educação pela Unesc. Atualmente é doutoranda em Educação e professora da Universidade do Extremo Sul Catarinense, nos cursos de Letras, Comunicação e Medicina - Inglês Médico.

² Possui graduação em Letras pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (1991), mestrado em Letras (Inglês e Literatura Correspondente) pela Universidade Federal de Santa Catarina (1996) e doutorado em Letras (Inglês e Literatura Correspondente) pela Universidade Federal de Santa Catarina (2000). Atualmente é professor da Universidade do Extremo Sul Catarinense, no curso de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Educação.



Erlbruch. Rooted in a personal experience of family loss, the text explores how literature can offer a space of symbolic permanence in the face of grief, without aiming for immediate consolation or healing. Based on the ideas of Dante Galian, Cristiane Seixas, Clarice Fortkamp Caldin, and Michèle Petit, literature is understood not as a clinical tool, but as a possibility for crossing, recognizing, and making sense of absence. Although categorized as children's literature, the chosen book carries a deep philosophical and emotional weight, approaching the theme of death with both delicacy and honesty. In this sense, bibliotherapy is seen less as a technique and more as an ethical gesture: a way of being with the other in the landscape of pain, without rushing into solutions.

By intertwining personal experience, literary analysis, and theoretical reflection, the essay argues that reading in times of mourning is an act of care; for the other and for oneself. It is a way of giving language to absence and allowing pain to breathe. In this context, literature does not rescue, but rather returns the subject to themselves, enabling them to dwell in emptiness with less haste and more attentiveness. Holding a tulip beside the void left by loss is the symbolic gesture proposed here: to acknowledge absence and learn how to converse with it, without ceasing to see the beauty of flowers.

KEYWORDS: bibliotherapy; grief; listening; literature; absence.

1 INTRODUÇÃO: VER O QUE AINDA EXISTE

Existe um trecho de uma música de Maria Bethânia que sempre me faz pensar na morte, apesar da canção não ser exatamente sobre isso. Ela canta: “É tão difícil olhar o mundo e ver o que ainda existe. Pois sem você meu mundo é diferente, minha alegria é triste” (Bethânia, 1993). Acredito que a dicotomia da morte versus a continuidade da vida é exatamente assim. Quem ficou, continua a viver, mas nunca da mesma forma. A experiência do luto é, talvez, uma das manifestações mais intensas da condição humana. Perder alguém que se ama é ser atravessado abruptamente por uma ausência que não se resolve, mas exige elaboração. Em outubro de 2023, vivi isso, que chamo de ruptura, visceralmente, com a perda, no mesmo mês, de um de meus tios mais próximos e de minha avó, pessoa que guiou toda a minha existência. A morte, que até então espreitava e aguardava, adentrou o centro do meu cotidiano, instaurando um outro tempo: o do silêncio, da memória, da tentativa de seguir alegre, sem esquecer tudo que vivemos.

Foi nesse intervalo entre o confronto com os fins e a tentativa de reinvenção que fui apresentada ao livro *O pato, a morte e a tulipa*, de Wolf Erlbruch, em uma aula da disciplina de Biblioterapia, no curso de doutorado do PPGE, na Unesc. Classificado como literatura infantil, o livro desarma pela leveza com a qual apresenta o irreversível, e emociona pela densidade filosófica que sustenta suas imagens. Não se trata de uma obra que oferece consolo, e talvez seja justamente por isso que oferece tanto: porque não pretende salvar, mas estar junto de quem sofre.



Como um respiro no caos, a história encena a morte com uma delicadeza quase desconcertante, permitindo ao leitor um espaço de escuta e reconhecimento. *O pato, a morte e a tulipa* é uma tradução em 2008, do livro ilustrado *Ente, Tod und Tulpe*, produzido pelo renomado artista alemão Wolf Erlbruch e publicado, originalmente, em 2007, pela editora Antje Kunstmann, de Munique, e tem a delicadeza necessária para se tratar de um tema tão denso.

Este ensaio propõe uma reflexão sobre a biblioterapia como prática simbólica de escuta e elaboração do luto. Parto da leitura sensível da obra de Erlbruch (2008), entrelaçando-a às escritas de autores como Clarice Fortkamp Caldin (2009; 2024), Cristiane Seixas (2018; 2020), Dante Gallian (2017) e Michèle Petit (2009), para pensar a literatura não como cura no sentido utilitário ou clínico do termo, mas como possibilidade de encontro, atravessamento e organização da dor. A literatura, afinal, não oferece soluções; ela oferece linguagem. E quando o mundo implode, encontrar palavras pode nos ajudar a reorganizar nossas alegrias tristes.

Há quem diga que a literatura nos alinha por dentro, reorganiza as nossas narrativas. E quiçá haja muita verdade nisso. Uma pequena história pode nos levar a reflexões filosóficas importantíssimas. A literatura não nos resgata de nós mesmos, ela nos devolve a nós, às nossas ambivalências, à complexidade de sermos humanos. Ela é, como contou Clarice Lispector (1998, p. 7) em “Felicidade Clandestina”, aquilo que nos faz desejar a palavra. Afinal de contas, quando a personagem por fim consegue ter o livro que tanto desejou em mãos, sentiu que “não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante”.

A biblioterapia, assim compreendida, é uma prática que não promete cura, porque não se trata de curar. A literatura não é salvação, tampouco missão. É ambiguidade e espelho. É o esforço humano, precário e potente, de nomear o mundo e habitá-lo com um pouco mais de consciência. Ler em tempos de luto não é fuga, é permanência. É morar em certos livros. E, talvez, seja esse o maior gesto de cuidado que podemos oferecer a quem sofre: um lugar onde sua dor possa respirar.

2 A LITERATURA COMO PRESENÇA: QUANDO O SIMBÓLICO ACOLHE

A biblioterapia, longe de ser um instrumento de cura imediata, é antes uma prática de escuta e hospitalidade simbólica. Não se trata de aplicar textos como remédios, pois a literatura,

nesse campo, não é prescrita, mas mediada. Por isso a importância das sessões de biblioterapia em grupos. De acordo com Gallian (2017, p. 56),

[...] ainda que essencialmente solitária, a leitura — principalmente dos clássicos — pode ser algo excessivamente pesado e difícil para se enfrentar sozinho. Por outro lado, se vencidas as dificuldades iniciais de falta de hábito e compreensão, o grande poder mobilizador da leitura do ponto de vista afetivo e reflexivo praticamente exige uma dinâmica de expressão e compartilhamento, concretizado numa situação de interlocução, para que esse processo amplificador ocorra de forma saudável e produtiva do ponto de vista da humanização.

Trata-se de um ato interdisciplinar que aproxima literatura, psicologia, filosofia e educação, sustentado por uma ética da escuta e pela aposta na potência da linguagem. A leitura, nesse contexto, não resolve, mas acompanha. E acompanhar é, principalmente em tempos de tristeza e perda, tudo que se pode fazer.

A literatura é ambígua porque é humana. Carrega consigo os paradoxos que compõem a experiência de viver: dor e beleza, perda e desejo, silêncio e revelação. Gallian (2017), ao refletir sobre a dimensão terapêutica da leitura, destaca que os textos não curam por fornecer respostas, mas por abrir espaços de ressonância. É nesse sentido que a biblioterapia pode ser pensada como uma travessia afetiva e ética. A leitura que acolhe é aquela que modifica, que provoca, que reconduz o sujeito ao encontro de si. E é nesse devolver-se que há transformação. Para Seixas (2018, p. 99), “a leitura questiona nossa superficialidade, nossa passividade, nosso conformismo”.

A leitura, quando mediada por escuta sensível, torna-se presença. Não presença que se impõe, mas que sustenta e torna o humano mais crítico. Petit (2009, p. 28-29), ressalta que, quando tem-se acesso a literatura de forma mediada e com intencionalidade, “torna-se mais hábil no uso da língua; conquista-se uma inteligência mais sutil, mais crítica; e também torna-se mais capaz de explorar a experiência humana, atribuindo-lhe sentido e valor poéticos”. Nesse diálogo, a obra literária se converte em espelho, em lugar de reconhecimento e estranhamento. E o estranhamento é fundamental: ele nos permite olhar o já vivido como se fosse novo, e com isso redesenhar o mapa da dor. Entende-se, assim, que as narrativas carregam a potência de reconfigurar percursos, retrazar rotas. Ao alcançar o leitor, abrem margens para que o trajeto da vida, antes rígido ou traçado em linhas retas, seja revisto, desviado ou suavemente reinventado.

Conforme propõe Seixas (2020), os personagens da ficção, tal qual a própria literatura, podem operar como espelhos, capazes de refletir dores ocultas, sejam elas concretas ou

imaginadas. Dores essas, como o luto, que muitas vezes são silenciadas pelo ritmo acelerado da vida cotidiana e não temos tempo de parar para sentir. Pela mediação da leitura, abre-se a possibilidade de recolher fragmentos dispersos do ser e, com eles, compor um mosaico sensível que pode vir a revelar fissuras de nossa existência. Caldin (2024, p. 19) corrobora, afirmando que “A literatura proporciona um deslocamento de terreno para cenários miméticos e verossímeis que podem nos proporcionar no sentir do outro – do personagem, dos acontecimentos – a elaboração da nossa própria realidade”. Segundo a autora, a biblioterapia se configura como um percurso de transformação pessoal, onde a leitura, a narração e a encenação de histórias atuam como instrumentos delicados que despertam e promovem o crescimento interior.

O pato, a morte e a tulipa, nesse cenário, não oferece respostas, mas companhia. A imagem da morte, ali, não é horrível nem monstruosa. Ela é uma figura que se aproxima, senta-se ao lado, mergulha com o pato nas águas. Uma morte que escuta e observa com atenção. Um tipo de presença rara. Ao oferecer essa imagem, o livro cria um espaço simbólico onde a criança (ou o adulto que ainda precisa de abrigo) pode contemplar a morte sem o peso do pânico. Há, no texto, um silêncio necessário. Um respiro. Um tempo outro, em que é possível apenas ser.

Ler, portanto, torna-se uma forma de elaborar aquilo que é quase impossível de elaborar, de habitar a perda sem pressa de superá-la. A literatura é uma forma de acessar a realidade por outras vias, quicá mais tortuosas, simbólicas, afetivas e delicadas. E talvez seja justamente isso que a torna essencial. Não porque organiza o caos, mas porque nos permite suportá-lo. Ler em tempos de luto é construir um abrigo, ainda que provisório. É alinhar, ainda que brevemente, as emoções em desordem. É, por fim, segurar uma tulipa nas mãos enquanto tudo ao redor parece desabar.

3 O PATO, A MORTE E A TULIPA: DELICADEZA E DISSONÂNCIA

O pato, a morte e a tulipa, de Wolf Erlbruch, é uma delicada narrativa que apresenta o encontro inesperado entre um pato e a personagem da morte. A história começa quando o pato percebe que está sendo seguido por uma figura silenciosa e estranhamente familiar. Essa personagem acaba se revelando como a morte, que não o ameaça nem o assusta, apenas o acompanha. A partir desse momento, nasce entre eles uma convivência feita de pequenas conversas e gestos sutis.



Sem pressa, os dois compartilham dias juntos, refletindo sobre o que significa viver, sofrer acidentes, morrer, sentir frio, nadar, dormir, pensar e contemplar. A morte, longe de ser sombria, é serena, quase maternal, e escuta o pato com atenção e respeito. A relação entre os dois vai se tornando próxima, até o momento em que o pato, de maneira natural e calma, parte. A morte, então, o acolhe com cuidado, repousando seu corpo na água, e vai embora em silêncio. Com ilustrações simples e poéticas, o livro transforma um tema tão doloroso em algo acessível, humano e tocante. Ao trazer a morte como presença constante, mas não temida, a obra convida o leitor a pensar na finitude com delicadeza e coragem, o que a torna especialmente significativa em contextos de luto.

Há, na obra de Wolf Erlbruch, uma estranha doçura que contorna a finitude. O livro, aparentemente singelo, constrói uma atmosfera onde a morte não é ausência, mas companhia. A figura da morte, com sua aparência humanizada e serena, aproxima-se do pato com uma naturalidade quase desconcertante. Ela não invade, não anuncia, não sentencia. Apenas se apresenta e suspende toda a lógica do susto, da negação, do terror. Até porque, segundo o pato, “A morte tinha um sorriso amigo. Até que ela era simpática, quando não se levava em conta quem ela era - bem simpática mesmo” (2008, p. 10).

Essa passagem do livro reconfigura a gramática do luto. Não há aqui a morte com espetacularização, violência ou ruptura. Há uma presença constante, silenciosa, observadora. A morte não se esconde, mas também não se impõe. Ela acompanha. E nessa companhia revela-se o processo de luto: trata-se menos de negar ou combater a morte, e mais de aprender a andar com ela — não como um peso, mas como uma sombra inevitável, que nos acompanha desde que nascemos.

A metáfora da tulipa também é decisiva. Após o pato morrer, a morte o coloca delicadamente na água e observa-o partir, junto da tulipa. Em seguida, permanece observando. “E continuou olhando durante um bom tempo. Quando perdeu o pato de vista, por pouco a morte não ficou triste. Mas assim era a vida” (Erlbruch, 2008, p. 29). A flor, símbolo de beleza efêmera, de fragilidade e renascimento, encerra a narrativa com uma imagem ambígua: não há final feliz, porém, há delicadeza no rito de passagem. Há poesia na travessia.

Essa cena, ainda que breve, condensa uma possibilidade ética de pensar a morte e de acolher o luto. Kovács (2012), ao discutir os discursos sobre a morte na contemporaneidade, afirma que vivemos numa cultura que tende a silenciar ou higienizar a finitude, escondendo-a sob

camadas de produtividade e positividade tóxica. O livro de Erlbruch, por sua vez, faz o caminho oposto: devolve a morte ao cotidiano, inscreve-a no tempo da natureza, no ritmo da respiração. Em lugar do medo, propõe presença.

Ler esse livro com alguém em luto não é explicar a morte, mas habitá-la junto. Não é oferecer resposta, mas compartilhar silêncio. A tulipa, nesse sentido, é menos uma metáfora da vida que segue, e mais uma imagem da delicadeza possível, da beleza que resiste mesmo quando tudo se desfaz e não há mais muito sentido em continuar alegre. Porque há dores que não pedem soluções, pedem flores bonitas e companhia silenciosa. E há livros que parecem saber disso.

4 BIBLIOTERAPIA E ESCUTA: O LIVRO COMO LUGAR DE PERMANÊNCIA

A biblioterapia, compreendida como prática de escuta e mediação simbólica, exige ética. Não se trata de instrumentalizar o texto como se fosse um remédio, mas de criar um espaço de diálogo onde o livro atua como terceiro elemento: um elo silencioso, que permite ao sujeito falar de si sem falar diretamente de si. Gallian (2017) observa que ações em grupo têm o potencial de incentivar a prática da leitura, ao mesmo tempo em que abrem espaço para que o processo reflexivo, formativo e humanizador da experiência literária se desdobre de maneira mais profunda. A biblioterapia não visa à resolução de conflitos, mas à abertura de caminhos de elaboração. E elaborar é verbo que exige tempo, linguagem e companhia.

Nesse contexto, a escuta ocupa lugar central. Escutar não é ouvir. É sustentar o silêncio do outro, sem ansiar por sua interrupção. É permitir que a dor se diga nos seus próprios termos, mesmo que confusos e frágeis. E quando a palavra não vem, o livro pode vir antes. Pode ser o primeiro a falar, ou o primeiro a calar com sentido e fazer companhia para aquele que sofre. Caldin (2009, p. 11) reforça que a biblioterapia consiste em “uma troca de experiências sem perder de vista a individuação do sujeito, ou seja, um diálogo”.

Assim, a mediação biblioterapêutica, quando realizada com afeto e presença, transforma o livro em morada provisória, um lugar onde se pode descansar da urgência de reagir, da exigência de se recuperar. A leitura, nesse caso, torna-se ritual. Um gesto que não salva, mas sustenta. E sustentar alguém em luto é reconhecer que não há o que dizer, mas mesmo assim permanecer. Gallian (2017), ao propor a leitura como experiência estética e ética, afirma que a literatura nos reintroduz à vida por meio da sensibilidade. A arte, nesse processo, não é um luxo:

é uma necessidade. Em tempos de dor, a “boniteza” é um ato de resistência. E a literatura, quando se oferece como companhia, é um gesto político. Um modo de afirmar, contra o ruído do mundo, que o humano ainda importa.

É nesse sentido que a biblioterapia pode ser pensada como prática do cuidado: não como técnica, mas como atitude. Uma atenção radical ao que escapa, ao que não se resolve. Uma escuta que não pretende interpretar, mas acolher. Porque há dores que só precisam ser vistas. E há livros que conseguem nos ver.

5 CONCLUSÃO: ATRAVESSAR O LUTO COM A COMPANHIA DAS PALAVRAS

Escrever este ensaio foi, antes de tudo, um exercício de memória e permanência. Ao revisitar a dor da perda dos meus amados tio Valdir e vó Domingas, encontrei na literatura — mais especificamente, em *O pato, a morte e a tulipa* — não um consolo, mas uma possibilidade de escuta. A biblioterapia, nesse percurso, revelou-se menos como técnica e mais como gesto: um modo ético de permanecer com o outro no território da dor, de seguir com alegria, mesmo com a tristeza acompanhando.

A obra de Erlbruch me ofereceu, em meio à tempestade, um espaço simbólico onde a morte não era apenas fim, mas companhia. Onde a tulipa brota como imagem ambígua: da beleza que não elimina a ausência, mas que a reconhece com delicadeza. A leitura, nesse processo, não curou meu luto — até porque para tal dor, não há cura — mas me permitiu habitá-lo com mais inteireza, com menos pressa e mais silêncio. Talvez esse seja o maior gesto de cuidado que a literatura possa oferecer: estar junto sem querer consertar a gente.

A biblioterapia, como aqui defendida, é uma forma de escuta sensível que reconhece a dor sem reduzi-la a diagnóstico. É um convite ao reconhecimento, ao estranhamento e à reflexão; palavras que, como pequenas flores, marcam o caminho da elaboração e da travessia.

E é por isso que seguimos em frente. Como diz Bethânia (1993), “sem você, meu mundo é diferente, minha alegria é triste”. A ausência continua a pulsar em cada gesto cotidiano, a vida segue seu caminho. E esta, com sua estranha insistência, também segue alegre, apesar de triste. E nós, ainda abatidos, também sorrimos. Como afirma Fernanda Torres, no papel de Eunice Paiva em *Ainda estou aqui* (Salles, 2024), “nós vamos sorrir”. A leitura é uma das formas, que podemos

encontrar e oferecer, de seguir, de conversar com a ausência, dar à dor uma linguagem, plantar uma tulipa no meio do vazio que o luto nos deixa, após nos atravessar.

REFERÊNCIAS

AINDA ESTOU AQUI. Direção: Walter Salles. Roteiro: Murilo Hauser e Heitor Lorega. Produção: Maria Carlota Bruno, Rodrigo Teixeira e Walter Salles. Intérpretes: Fernanda Torres, Selton Mello, Fernanda Montenegro et al. Rio de Janeiro: Videofilmes; São Paulo: Gullane, 2024. 1 longa-metragem (135 min), son., color.

AS CANÇÕES QUE VOCÊ FEZ PRA MIM. Intérprete: Maria Bethânia. Compositores: Erasmo Carlos e Roberto Carlos. In: As canções que você fez pra mim. Intérprete: Maria Bethânia. [S.l.]: RCA Victor, 1993. 1 CD, faixa 1.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **Biblioterapia: um cuidado com o ser.** 6. ed. Florianópolis: Ed. da autora, 2024.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **Leitura e terapia.** Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/anais/article/view/1500/1501>. Acesso em: 15 de julho de 2025.

ERLBRUCH, Wolf. **O pato, a morte e a tulipa.** Tradução de Marcus S. Mota. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

GALLIAN, Dante. **A literatura como remédio: os clássicos e a saúde da alma.** São Paulo: Martin Claret, 2017.

KOVÁCS, Maria Júlia. **Educação para a morte: um desafio pedagógico.** 6. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

LISPECTOR, Clarice. **Felicidade clandestina.** 28. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

PETIT, Michèle. **A arte de ler: ou como resistir à adversidade.** 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

SEIXAS, Cristiana Garcez dos Santos. Biblioterapia e educação: sopros de cuidado entre leituras. **Revistaleph**, [S.l.], n. 34, p. 239-259, 24 jul. 2020. Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação – Universidade Federal Fluminense. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistaleph/article/view/41444>. Acesso em: 9 jan. 2025.

SEIXAS, Cristiana Garcez dos Santos. **Vivências em biblioterapia: práticas do cuidado através da leitura.** Niterói: Editora Cândido, 2018.

